

SINTOMAS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

1. Considerações Gerais

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), são causadas por vírus, bactérias ou outros microorganismos e são transmitidas principalmente através do contato sexual sem o uso de preservativos, masculinos ou femininos, com uma pessoa infectada. As ISTs também podem ser transmitidas, da mãe para criança durante a gestação, o parto ou a amamentação. De maneira menos comum, as ISTs também podem ser transmitidas por meio não sexual, pelo contato com mucosas ou pele não integra com secreções corporais contaminadas¹.

As ISTs continuam a ser um grande problema de saúde pública global e permanecem ocorrendo em maior escala entre os jovens sexualmente ativos. Com base nos princípios da integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS), informações sobre essas infecções devem ser abordadas na atenção primária por ser a porta de entrada do sistema de saúde e possuir funções que vão desde a educação e prevenção até o tratamento e cuidado longitudinal a esses indivíduos².

Fatores como a vulnerabilidade social, desinformação e a insegurança entre os jovens e indivíduos acometidos com as ISTs mantém crescente os números de notificações nos portais de saúde do mundo. Logo, a falta de programas educacionais que promovam o sexo seguro, bem como a identificação dos desafios associados à continuidade do atendimento clínico desses pacientes após diagnóstico são obstáculos para integração entre campanhas de informação, a capacitação de equipes da saúde, políticas públicas e ações de saúde para promover avanços no tratamento e qualidade de vida da população².

2. Sintomas

As ISTs podem se manifestar como úlceras, corrimento e verrugas anogenitais, além de outros possíveis sintomas, como dor pélvica, ardência ao urinar, lesões na pele e inchaço da língua¹. Exemplos de infecções sexualmente transmissíveis são:



- Clamídia;



- Gonorreia;



- Hepatites virais B e C;

- Herpes genital;



- Infecção pelo HIV;

- Infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV);

- Sífilis;

- Tricomoníase.

Figura 1. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/como-evitar-as-ists-mais-comuns-entre-os-homens/>

As infecções normalmente aparecem nos órgãos reprodutivos, mas também podem aparecer em outras partes do corpo (por exemplo, palmas das mãos, olhos, língua). A observação do corpo deve acontecer durante a higiene pessoal, o que pode ajudar na identificação precoce¹.

Deve-se procurar atendimento médico sempre que for observado no corpo quaisquer sinais ou sintomas, independentemente de quando se teve relações sexuais pela última vez. É aconselhado pelos profissionais de saúde, notificar os parceiros sexuais, com intuito de prevenção da contaminação generalizada¹.

3. Diagnóstico

O diagnóstico de infecções sexualmente transmissíveis conta com diferentes técnicas para identificar microrganismos como por exemplo a microscopia direta, culturas de materiais biológicos, ensaios para detectar respostas de antígenos e anticorpos relacionados com os possíveis agentes causadores das ISTs, ensaios para detectar metabólitos entre outros⁴.

Essa triagem realizada através dos exames não identifica apenas um paciente, o objetivo é conectar-se à rede de transmissão, já que quando as lesões não são identificadas e tratadas, persiste na comunidade e pode reinfectar outros indivíduos⁷.

Em casos de incerteza o correto é manter relações sexuais com preservativo, devido aos principais aspectos de risco para ISTs são a juventude e fazer sexo sem usar preservativos. Para a sífilis, por exemplo, as notificações do Brasil mostram uma tendência de aumento na população jovem, de 13 a 29 anos, por esta razão, pessoas sexualmente ativas com menos de 30 anos foram incluídas na triagem anual⁷.



A anamnese e exames físicos são fatores importantes pois são baseados em características clínicas para diferenciar e definir o tratamento a ser seguido. Atualmente, testes rápidos são disponibilizados e enviados pelo Ministério da Saúde aos estados brasileiros através do SUS sendo estes, exames para sífilis, HIV, hepatites B e C que atuam como estratégia na ampliação do diagnóstico. É importante ressaltar que, mesmo não havendo sinais e sintomas, as ISTs podem estar presentes e serem facilmente transmitidas¹.

Recentemente, a gestão de doenças transmissíveis vem se beneficiando de novas tecnologias de diagnóstico algumas já em uso, como os testes rápidos e realizá-los em pessoas assintomáticas para estabelecer um diagnóstico precoce, consiste em uma importante ferramenta para reduzir a morbidade e mortalidade por ISTs⁷.

Uma parte fundamental da avaliação geral do paciente é a compreensão de sua história de vida sexual ser a base da abordagem. Esta pesquisa deve ser estruturada para identificar fatores de risco associados à saúde sexual, com intuito de reconhecer práticas e comportamentos sexuais que possibilitam oportunidades de intervenção. Ressaltando que uma abordagem mais direta pode funcionar para alguns, no entanto, é melhor para os profissionais de saúde adotarem uma abordagem mais gradual, projetada para construir relacionamentos de confiança⁷.

Também é importante enfatizar a confidencialidade da consulta, respeitando as diferenças e lidando com situações de vulnerabilidade de maneira que possa enxergar as situações pela perspectiva dos pacientes, especialmente quando lidar com a prática da prostituição⁷.

4. Tratamento

A partir do resultado do histórico sexual, é possível avaliar o estilo de vida do paciente. Nesse momento, é importante olhar com atenção o melhor tratamento a seguir por meio de estratégias para promoção da saúde proporcionando adesão as tecnologias ofertadas pelos profissionais e sistema de saúde e com este intuito foram desenvolvidos os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT). Tais protocolos visam melhorar a qualidade da assistência aos pacientes com IST, baseado em uma extensa revisão de evidências científicas e validado em discussões com especialistas que visam orientar o papel dos gestores na gestão programática e operacional dessas infecções, bem como as ações dos profissionais de saúde no rastreamento, diagnóstico, tratamento e prevenção de populações-chave e/ou portadores de infecções sexualmente transmissíveis e seus parceiros sexuais⁷. Precisa ser levado em consideração que os pacientes possam recriar a quebra da confiança, ter inseguranças em lidar com uma infecção sexual e ser responsável ou corresponsável pela transmissão. Bem como pode haver a necessidade de ocorrer a comunicação aos parceiros(as) de forma verbal, telefone ou cartão de comunicação⁸.

Os tratamentos eficazes para as ISTs como gonorréia, sífilis, clamídia, *M genitalium* e tricomoníase englobam antibióticos e outros fármacos que devem ser prescritos por médicos na atenção primária de saúde mediante a diagnóstico de ISTs⁶. Também se faz necessário o tratamento não medicamentoso através de ações educativas de prevenção para os jovens e acometidos com ISTs, pois a falta de informação contribui para a vulnerabilidade, sendo importante reconhecer o conceito da educação sexual. Consequentemente, a importância da implementação de estratégias de promoção e de proteção à saúde no ambiente escolar para contribuir e fortalecer o autocuidado na saúde⁹.

5. REFERÊNCIAS

1. Ministerio publico. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist-1#:~:text=As%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente%20Transmiss%C3%ADveis%20\(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist-1#:~:text=As%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente%20Transmiss%C3%ADveis%20(IST,uma%20pessoa%20que%20esteja%20infectada). Acesso realizado em: 08 de maio de 2022
2. DOS SANTOS, Caroline Ronchetti et al. Manejo de IST em adolescentes na atenção primária à saúde. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 2, p. 8012-8021, 2022.
3. PEREIRA, Gerson Fernando Mendes et al. HIV/aids, hepatites virais e outras IST no Brasil: tendências epidemiológicas. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 22, p. e190001, 2019.

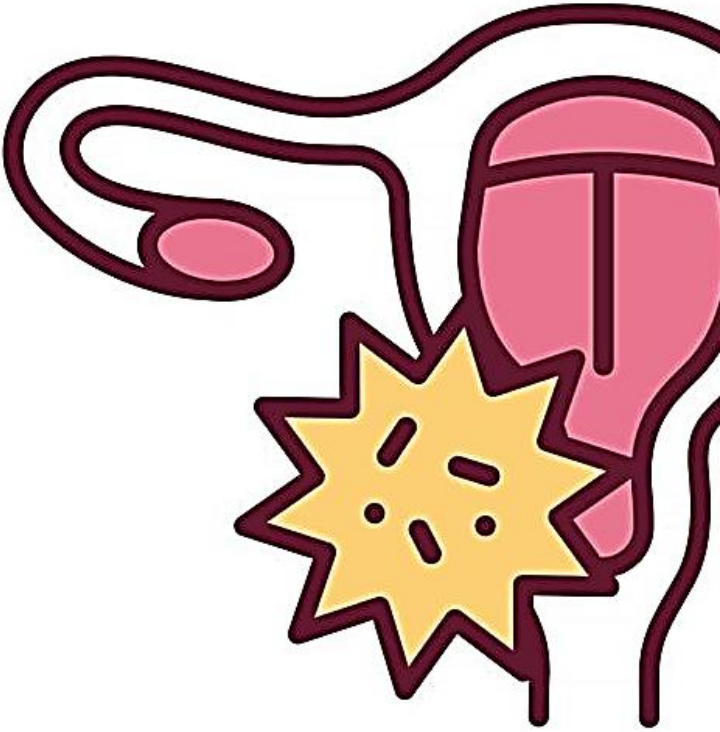


Figura 3. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Acesso em: <https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/2498375-sexualmente-doenças-sintomas-rgb-color-icon>

4. MACIEL, Gustavo Arantes Rosa et al. infecções sexualmente transmissíveis. **Gestação não planejada**, v. 50, n. 3, p. 157-62, 2022.
5. Rietmeijer CA. Risk reduction counselling for prevention of sexually transmitted infections: how it works and how to make it work. **Sex Transm Infect.** 2007 Feb;83(1):2-9. doi: 10.1136/sti.2006.017319. PMID: 17283359; PMCID: PMC2598584.
6. Tuddenham S, Hamill MM, Ghanem KG. Diagnosis and Treatment of Sexually Transmitted Infections: A Review. **JAMA.** 2022;327(2):161–172. doi:10.1001/jama.2021.23487
7. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Última atualização:15/04/2020 - 17:09
8. Almeida RAAS, Corrêa RDGCF, Rolim ILTP, Hora JMD, Linard AG, Coutinho NPS, Oliveira PDS. Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy. **Rev Bras Enferm.** 2017 Sep-Oct;70(5):1033-1039. English, Portuguese. doi: 10.1590/0034-7167-2016-0531. PMID: 28977231.
9. Cavalcante EG, Miranda MC, Carvalho AZ, Lima IC, Galvão MT. Partner notification for sexually transmitted infections and perception of notified partners. **Rev Esc Enferm USP.** 2016 May-Jun;50(3):450-7. English, Portuguese. doi: 10.1590/S0080-623420160000400011. PMID: 27556716.

EQUIPE

Mayhakson Mayarison Oliveira da Costa – Estagiário CIM/UFC
Farm. Dra. Ana Cláudia de Brito Passos
Farm. Dra. Mirian Parente Monteiro